

O marxismo como programa de pesquisa

Marxism as a research program

Sébastien Antoine*

Resumo

Propondo uma translação ousada da abordagem por programa de pesquisa de Imre Lakatos para as ciências sociais, e mais especificamente para o marxismo, o sociólogo Michael Burawoy realiza um *tour de force* particularmente fértil – como alternativa reflexiva ao impasse do confronto entre positivismo e pós-modernismo. Ao fazê-lo, torna possível a análise do desenvolvimento histórico do materialismo dialético como tradição teórica ampliando progressivamente seu domínio empírico pela inclusão de novidades, ou anomalias, dando lugar ao crescimento de ramos distintos, alguns mais progressistas que outros. Desta forma, Burawoy abre um caminho às ciências sociais ao contribuir para a atualização do marxismo a partir da pesquisa empírica, delineando assim os fundamentos epistemológicos do *estudo de caso ampliado*, proposta metodológica que visa a reconstrução teórica através da análise sociológica do entrelaçamento dos processos locais e das dinâmicas globais numa perspectiva de totalidade.

Palavras-chave: Burawoy; marxismo; programa de pesquisa; epistemologia

Abstract

Promoting a bold translation of Imre Lakatos' research program approach to the social sciences, and more specifically to Marxism, sociologist Michael Burawoy conducts a very fruitful tour de force – as a reflexive alternative to the deadlock clash between positivism and postmodernism. In doing so, it makes it possible to analyse the historical development of dialectical materialism as a theoretical tradition progressively expanding its empirical domain through the inclusion of novelties, or anomalies, giving rise to the growth of distinct branches, some more progressive than others. In this way, Burawoy opens a path for the social sciences to contribute to the actualisation of Marxism from empirical research, thus outlining the epistemological foundations of the Extended Case Method, as a methodological proposal aimed at theoretical reconstruction through the sociological analysis of the interweaving of local processes and global dynamics in a perspective of totality.

Keywords: Burawoy; Marxism; research program; epistemology

* Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela UCLouvain (Bélgica) e professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo (PPGIC) no Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sebastien.antoine@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1014-5268>.

Introdução

Como imaginar o desenvolvimento de uma pesquisa em ciências sociais firmemente fundamentada numa tradição teórica – no caso deste artigo, a teoria marxista – questionando-a e enriquecendo-a ao mesmo tempo através de pesquisas empíricas? E a partir de qual proposta epistemológica conseguir analisar a realidade social mobilizando tal cadeia de teorias, levando em conta toda a diversidade de suas correntes e identificando os ramos potencialmente mais fecundos para a atualização teórica? Consubstanciais à vitalidade da pesquisa marxista em ciências sociais, estas questões encontram-se há quase cinco décadas no cerne da obra de uma das figuras mais proeminentes da sociologia marxista contemporânea nos Estados Unidos: Michael Burawoy.

O professor da Universidade de California em Berkeley defende de fato uma concepção de sua disciplina baseada tanto num forte fundamento teórico quanto num profundo enraizamento etnográfico (Burawoy, 1998), dando à pesquisa sociológica o objetivo de contribuir para a extensão da teoria através de seu permanente confronto com as tensões da realidade social (Burawoy, 2009). Se baseando numa sequência histórica de teorias, ou seja, partindo de um programa de pesquisa (Burawoy, 1990), e confrontando-o com anomalias ou novidades – constituindo novos enigmas ou *puzzles* – o pesquisador tem assim como tarefa a ampliação do domínio empírico desta dada tradição teórica, integrando gradualmente o que antes eram consideradas exceções (Burawoy, 1989).

O que Burawoy está assim oferecendo de ponto de vista epistemológico representa uma proposta ousada e inovadora de translação das contribuições do filósofo da ciência Imre Lakatos (1978) – e mais especificamente da sua análise do desenvolvimento científico como sendo o de programas de pesquisa (Lakatos, 1987) – não só no âmbito das ciências sociais, mas também do marxismo (e isto apesar de o próprio Lakatos ter as maiores reservas a respeito do último). Ao fazê-lo, o sociólogo britânico lança então bases para uma abordagem singularmente dinâmica do desenvolvimento histórico da tradição marxista; e essa perspectiva se revela particularmente fértil para sua contínua atualização e extensão à luz das ciências humanas e sociais.

Como forma de convidar cientistas sociais brasileiros a se aproximarem e se apropriarem desta proposta original, o presente artigo visa proporcionar uma introdução lusófona à reflexão proposta por Burawoy e as suas referências subjacentes, inclusive se baseando em algumas fontes ainda inéditas em português.

Num primeiro momento, resumirá sucintamente os debates epistemológicos que levaram ao desenvolvimento da abordagem de Lakatos, de modo a introduzir subsequentemente a contribuição de Burawoy no marco da tradição marxista, tanto do ponto de vista de sua crítica ao positivismo quanto da alternativa que ele apresenta a uma perspectiva puramente dedutiva.

Num segundo passo, apresentará a forma pela qual o sociólogo de Berkeley sugere abordar o marxismo como programa de pesquisa em contínua expansão, demonstrando como esta abordagem possibilita dar conta do desenvolvimento diacrônico de ramos teóricos distintos, ampliando seu poder analítico tanto para novos objetos políticos e sociais, quanto para realidades mais subjetivas tal como a ideologia e a consciência.

Por último, o artigo apresentará uma introdução às bases epistemológicas sustentadora do estudo de caso ampliado (Burawoy, 1991), a proposta metodológica estruturada por Burawoy para atender a este objetivo de atualização permanente da teoria – colocando as ciências sociais na vanguarda da atualização do marxismo e convidando assim pesquisadores a explorar estas vias para contribuir com a vitalidade de um marxismo sociológico (Burawoy, 2014b).

1. Epistemologia dos programas de pesquisa

Na esteira da “viragem” pós-moderna, o lugar da teoria nas ciências sociais é hoje objeto de muitas controvérsias. Uma relação de desconfiança parece ter sido gradualmente estabelecida com a teoria: julgada demasiado invasiva, considerada como uma fonte de viés potencial na relação com o campo, forçaria os dados, e portanto a própria realidade social, em estruturas pré-construídas e inadequadas. A fim de garantir a validade da pesquisa socioantropológica, seria necessário, portanto, ter cautela com a teoria, especialmente no início da pesquisa.

Curiosamente, esta postura de resistência à teoria é, na verdade, compartilhada tanto pelo positivismo como pelo pós-modernismo (Burawoy, 1994). No primeiro caso, o objetivo é garantir a cientificidade da socioantropologia, importando o modelo dominante nas ciências naturais: a teoria é então considerada como o produto de uma abordagem indutiva solidamente controlada, com teorias pré-existentes servindo, na melhor das hipóteses, como inspiração para hipóteses a serem testadas empiricamente. O pós-modernismo, por sua vez, decretará a morte do ideal científico nas ciências sociais: considerando que a realidade é demasiado complexa para ser reduzida a teorias explicativas, apenas interpretações se tornaram então aceitáveis, transformando o debate científico em uma troca de opiniões.

1.1. Racionalismo, empirismo e ceticismo

As duas posturas acima referem-se, na verdade, a profundas distinções epistemológicas na filosofia da ciência. Historicamente, “os *intelectualistas clássicos*, (ou racionalistas no sentido restrito do termo)” procuraram provar a cientificidade de sua abordagem dedutiva com “muito variadas – e poderosas – ‘demonstrações’ extra-lógicas pela revelação, intuição intelectual, experiência. [Assim] com a ajuda da lógica, estas lhes permitiam provar toda a sorte de proposições científicas” (Lakatos, 1979, p. 113).

Foi em oposição a esta corrente que os empiristas clássicos estreitaram a margem de propostas aceitáveis para aquelas baseadas em sólidos dados empíricos, crivados pela indução:

O seu valor de verdade foi estabelecido pela experiência e elas constituíram a *base empírica* da ciência. Para poder provar teorias científicas partindo apenas da rigorosa base empírica, eles precisavam de uma lógica muito mais poderosa do que a lógica dedutiva dos intelectualistas clássicos: a “*lógica indutiva*” (Lakatos, 1979, p. 113).

Mas, diante dos limites destas duas abordagens, uma corrente cética firmou-se gradualmente, alegando que:

Não havia (nem poderia haver) conhecimento provado e *portanto* qualquer espécie de conhecimento. Para os céticos, o “conhecimento” nada mais era do que a crença animal. Dessa maneira, o ceticismo justificacionista ridicularizou o pensamento objetivo e abriu as portas para o irracionalismo, o misticismo, a superstição (Lakatos, 1979, p. 113-114).

A distinção entre as três correntes clássicas – racionalismo, empirismo e ceticismo – constituem assim chaves heurísticas particularmente ricas para entender as tensões que atravessam as ciências sociais contemporâneas.

Enquanto o racionalismo defendia o uso de uma lógica dedutiva – encontrando sua máxima expressão no século 18 com o kantismo e seu método transcendental –, o empirismo desenvolveu uma lógica indutiva como reação diante da corrente que o precedeu, que ele considerava um abuso que isolava a filosofia da realidade – uma expressão relativamente pura deste projeto foi proposta por John Stuart Mill, em meados do século XIX, em seus *Cânones de Indução* (Mill, 1900). O empirismo-indutivo trata o racionalismo-dedutivo de forma particularmente áspera, como oposto ao próprio projeto científico. A disputa epistemológica parece desta forma contrapor a indução à dedução numa luta mortal.

O surgimento do ceticismo – do qual Nietzsche representa uma das mais altas expressões no século XX – vai de certa forma considerar ambos, o racionalismo e o empirismo, como duas faces da mesma moeda, rejeitando o conjunto do projeto científico como uma ilusão inalcançável. Nenhuma lógica se faz necessária neste caso. Aceitam-se apenas interpretações, cuja variedade é apenas limitada pela diversidade da subjetividade humana. É nessa corrente cética – que ganhou particular força diante dos absurdos cometidos em nome da modernidade ao longo do século passado – que o pós-modernismo encontra suas raízes. A oposição radical que esta corrente opunha à ambição científica, presente tanto no racionalismo-dedutivo quanto no empirismo-indutivo, reconfigurou o equilíbrio de poder epistemológico:

Essa situação explica o esforço enorme feito pelos racionalistas clássicos na tentativa de salvar os princípios sintéticos a priori do intelectualismo e pelos empiristas clássicos na tentativa de salvar a certeza de uma base empírica e a validade da inferência indutiva (Lakatos, 1979, p. 114).

Além de determinados setores mais influenciados pela filosofia, a perspectiva de cunho mais teoricista do racionalismo dedutivo tem hoje pouco eco nas ciências sociais, fazendo da oposição entre empirismo indutivo – tomando a forma refinada do modelo científico positivista – e ceticismo – a postura pós-moderna – a principal tensão epistemológica estruturando o campo da pesquisa social.

1.2. “Sem teoria, somos cegos”

Positivismo e pós-modernismo atribuem assim à teoria um papel secundário: ou como um simples produto de indução, ou negando-a por completo. Entretanto, como sugere Vygotski (2008), tanto a construção de nossa relação com o mundo quanto a prática da própria pesquisa envolvem a mobilização de uma série de conceitos cotidianos e científicos. Considerando que, de forma geral, um cientista social acumulou, além de sua socialização familiar, doze anos de educação obrigatória e pelo menos quatro a seis anos de estudos universitários, para não mencionar seus múltiplos compromissos sociais e políticos, é portanto altamente improvável que ele

ou ela seja capaz de abordar a realidade social sem conceitos, sem teoria. O pesquisador está, então, longe de ser um idiota conceitual, mas sim o produto combinado de sua socialização e escolhas, formando um aparato interpretativo e explicativo que lhe permite captar e interagir com a realidade social. Tal é a posição basicamente defendida por Burawoy:

Sem a teoria, somos cegos: nós não podemos enxergar o mundo. As teorias são as lentes indispensáveis que nós trazemos para nosso relacionamento com o mundo e, por meio delas, dar sentido a sua interminável multiplicidade (Burawoy, 2014b, p. 33).

Ao desconfiar da teoria sob o pretexto de impedir que ela influencia a construção da relação com o objeto estudado e de distorcer o trabalho de campo, o pós-modernismo e o positivismo criam paradoxalmente as condições para seus próprios fracassos: impedem que o pesquisador tome consciência de seus quadros teóricos pré-existentes, restringindo assim o seu questionamento e reconstrução. Cego perante si mesmo, o pesquisador corre o risco de acabar escravo de suas próprias concepções teóricas, mais ou menos inconscientes.

Para sair deste beco sem saída, é preciso se perguntar como é possível desafiar uma proposta teórica com a realidade, a fim de tornar possível seu questionamento e enriquecimento. Seria possível imaginar outra polarização do debate epistemológico acerca da relação entre dados e teoria? Em outras palavras, será o ceticismo a única posição a partir da qual se pode criticar as aporias do modelo empirista de base indutiva? Será o pós-modernismo a única resposta possível para as contradições do positivismo?

1.3. De Popper para Lakatos

A filosofia da ciência começou a fornecer o início de uma solução para esta questão na primeira parte do século XX com o trabalho de Karl Popper, que propôs uma abordagem falseacionista radical da validação do conhecimento científico (Popper, 1973). Para esta corrente de pensamento, “a ciência cresce mediante o repetido derrubamento de teorias com a ajuda de fatos concretos” (Lakatos, 1979, p. 117). Assim, somente provas contrárias podem servir como árbitro da validade de uma teoria.

A contribuição popperiana representa um avanço considerável em relação ao empirismo clássico. Ela deixa de considerar a teoria como o produto de uma abordagem indutiva e leva em conta a acumulação científica antes do processo de pesquisa, reconhecendo assim o papel das inúmeras teorias pré-existentes. Os fatos empíricos passam assim de uma posição de origem de todo conhecimento, presos na lógica indutiva, para uma posição central no dispositivo de pesquisa, aproximando-se da dinâmica da pesquisa real. Eles se tornam os garantidores da validade, ou não, das teorias, uma espécie de “Navalha de Ockham” empírica que preside a sua sobrevivência ou execução. Desta forma, torna-se possível conceber o acúmulo teórico progressivo através da refutação das teorias anteriores, com o objetivo de atualizar e ampliar o domínio empírico das novas teorias.

No entanto, o falseacionismo radical torna-se problemático quando remetido à dinâmica histórica concreta do desenvolvimento científico:

A ciência desenvolve-se [de fato] não pela refutação de teorias [numa ótica puramente popperiana], mas pela refutação de refutações, ou pelo menos refutando algumas refutações e ignorando outras (Burawoy, 2014a, p. 176).

É com base de uma observação similar que Imre Lakatos, colega de Karl Popper no Departamento de Filosofia da London School of Economics, irá propor uma reformulação da abordagem falseacionista:

Os cientistas não deveriam avaliar uma teoria isolada contra outra, mas as sequências de teorias [i.e. tradições teóricas] que formam os programas de pesquisa (Burawoy, 2014a, p. 177).

Os núcleos duros desses programas de pesquisa estariam assim protegidos por um cinturão de teorias que deve ser ampliado, confrontando-os com novos casos e desenvolvendo a imaginação conceitual para integrá-los dentro da tradição inicial. O interesse reside assim na dinâmica desta proteção, Lakatos distinguindo dois tipos de programas de pesquisa.

Por um lado, destaca aqueles que se sustentam em uma lógica essencialmente defensiva, visando preservar a teoria inicial ao custo de ignorar “anomalias, ou seja, resultados fragmentados ou teoricamente inesperados” (Burawoy, 2014a, p. 176) considerados como exceções. O filósofo da ciência irá assim caracterizar este tipo de programas de pesquisa, nos quais prevalece a heurística negativa de defesa do núcleo duro, como “regressivo” (Burawoy, 2014a, p. 217) ou “em fase de degeneração” (Lakatos, 1979, p. 201).

Mas outro tipo de programas, “progressivos” (Lakatos, 1979, p. 200-201), é também possível. Estes últimos tentam integrar novos casos através de uma elaboração conceitual compatível com o núcleo, favorecendo a heurística positiva. Assim, uma teoria nunca pode ser tomada isoladamente, de forma fixa, mas deve ser abordada como fruto de um desenvolvimento contraditório, de uma expansão conceitual à medida que se encontram anomalias. Seguindo esta lógica, “conforme Lakatos, as revoluções científicas substituem programas de pesquisa degenerados por progressivos” (Burawoy, 2014a, p. 177).

1.4. Burawoy e a crítica do positivismo

As contribuições epistemológicas de Lakatos permitem assim abordar a crítica do positivismo a partir de um ângulo diferente do pós-modernismo. De fato, não é mais a teoria como tal que é sujeita a questionamento, mas a forma como ela se relaciona com a realidade, com os dados. A busca empírica de anomalias perante a tradição teórica contribui assim a estimular a inventividade do pesquisador. Trata-se de equilibrar tanto a heurística negativa – a defesa das proposições centrais – quanto a heurística positiva – a criatividade conceitual contribuindo a tornar a teoria capaz de integrar e dar contas de novos casos. É partindo desta base que Burawoy vai propor uma crítica sem reservas ao modelo positivista.

Antes de tudo, desafia a visão de que as teorias pré-existentes constituem preconceitos que impedem o desenvolvimento da indução analítica, porque forçariam análises a priori e abstratas sobre a realidade social. Pelo contrário, “a cegueira não vem das teorias preexistentes, mas da falha em reconhecer sua necessidade e, desse

modo, falhar em articular e defender seu conteúdo” (Burawoy, 2014a, p. 225) e, portanto, questioná-los.

O método da indução afirma estar fora e além das tradições teóricas. Desta forma [...] reduz os clássicos de Marx, Weber, Durkheim a inspirações, a fontes de hipóteses e variáveis [...]. Seleccionamos um problema que nos atrai e induzimos suas soluções a partir dos fatos (Burawoy, 2014a, p. 226).

Burawoy defende uma abordagem diferente, baseada na resolução de enigmas, pelo confronto de uma tradição teórica pré-existente com situações novas, anomalias. O objetivo da pesquisa é então de contribuir para a teoria, e não meramente mobilizá-la de uma forma instrumental. As tradições teóricas deixam de ser meras fontes de peças de reposição a serem combinadas de forma eclética e voltam ao seu caráter processual: a acumulação científica é o resultado de pesquisas sucessivas reconstruindo as bases teóricas nas quais elas se baseiam, atuando assim no sentido da sua ampliação.

Por fim, esta crítica trata do lugar que o positivismo confere à história da pesquisa e do pesquisador, à gênese do projeto de pesquisa, das suas fontes e das suas referências.

O método da indução considera os fatos como irreduzíveis e dados; o problema é chegar a uma avaliação imparcial dos fatos. A ciência desenvolve-se [então] pela acumulação de proposições factuais e generalizações indutivas. Esta é sua história interna. [...] A escolha do problema [faz assim] parte da história “externa” relegada às notas de rodapé, aos prefácios ou à “sociologia do conhecimento” (Burawoy, 2014a, p. 226-227).

Como epistemologia reflexiva, a abordagem dos programas de pesquisa valoriza, ao contrário, a inclusão de seu processo de desenvolvimento concreto como fazendo parte da história interna da pesquisa:

A metodologia de programa de pesquisa incorpora à sua história interna aquilo que os indutivistas rotulam de metafísico e externo, a saber, seus postulados fundamentais e sua escolha de enigmas. O que é reconstruído como cientificamente racional em um método aparece como cientificamente irracional no outro (Burawoy, 2014a, p. 227).

Esta última característica permite assim lançar uma nova luz sobre a contradição relativa ao uso de Lakatos para abordar a tradição teórica marxista. Ex-membro do Partido Comunista Húngaro – antes de ser expulso por ‘desviacionismo’ nos anos 1950 e forçado ao exílio em Londres – Imre Lakatos estava profundamente convencido de que o marxismo constitui um programa de pesquisa regressivo. Em sua opinião, a única maneira do marxismo de “absorver as anomalias [seria de] reduzir o conteúdo empírico do programa [de pesquisa]” (Burawoy, 1990, p. 778). Se referindo as falhas de previsões em Marx – tais como (Lakatos, 1978, p. 5-6 *apud* Burawoy, 1990, p. 778): a ideia que as “primeiras revoluções socialistas deveriam ter surgido nas sociedades mais industrializadas”; “a previsão do empobrecimento absoluto da classe trabalhadora”; ou as tentativas de “‘explicar’ [os eventos de] Berlim em 1953, Budapeste em 1956, Praga em 1968” – Lakatos conclui que:

As hipóteses auxiliares foram todas forjadas depois dos fatos para proteger a teoria marxista dos fatos. O programa [de pesquisa] newtoniano abriu

novos fatos; o [programa] marxista se atrasou em relação aos fatos e teve de correr rápido para alcançá-los (Lakatos, 1978, p. 5-6 *apud* Burawoy, 1990, p. 778).

Ao reintegrar a trajetória pessoal de Lakatos na história interna de suas contribuições teóricas, parece, no entanto, que sua apreensão do marxismo só se realizou de fato através de uma de suas correntes, consideravelmente mais forte na época do que é hoje, o chamado marxismo soviético que fora elevado à condição de doutrina de Estado pelos países do Bloco do Leste. O *tour de force* de Burawoy consiste assim em acessar a quintessência da abordagem do programa de pesquisa para defender um ponto de vista diferente do de Lakatos, este último traçando “um retrato incorreto do marxismo, que [na realidade conseguiu] tanto sucessos preditivos dramáticos quanto fracassos” (Burawoy, 1990, p. 778).

2. O marxismo como programa de pesquisa

Contribuir hoje à atualização do marxismo requer, portanto, ajustar a abordagem do programa de pesquisa de forma a dar conta do desenvolvimento desta tradição e de suas diferentes correntes ao longo da história, contribuindo assim para seu futuro desdobramento através da constituição de novos quebra-cabeças de pesquisa.

É este projeto de consolidação epistemológica da pesquisa marxista em ciências sociais que se tornou uma das principais preocupações de Michael Burawoy no final da década de 1980, publicando sucessivamente dois artigos que se tornaram clássicos da sociologia americana.

No primeiro, intitulado *Skocpol vs. Trotsky: two methods in search of science* (Burawoy, 1989) – publicado em 1989 em *Theory and society*, depois de ter primeiro passado pelas mãos de seis pareceristas da *American Sociological Review* desde sua versão inicial em 1985 (Burawoy, 1989, p. 796) – Burawoy oferece uma comparação instigante entre, por um lado, *States and social revolution* de Theda Skocpol (Skocpol, 1979), um dos cânones da pesquisa indutiva nas humanidades americanas, e a *História da Revolução Russa* de Leon Trotsky (2017), por outro, como representante de uma abordagem reflexiva dentro do programa de pesquisa marxista.

Em seguida, Burawoy aprofundou esta abordagem no artigo “Marxism as science: historical challenges and theoretical growth” (Burawoy, 1990) – que conseguiu desta vez publicar na *American Sociological Review* em 1990 – propondo uma síntese geral da evolução histórica da tradição teórica marxista como programa de pesquisa.

Se fundamentando nestas duas fontes – a segunda ainda inédita em português – o presente artigo procura, então, encontrar pistas possibilitando a análise desta tradição como uma sequência de teorias que se desdobram historicamente ao longo de quase dois séculos, suscitando florescimento de inúmeras correntes e de uma ampla extensão dentro das ciências sociais e humanidades.

2.1. Desenvolvimento progressivo do núcleo do programa de pesquisa

Como o próprio Lakatos reconhece, embora não discuta, o núcleo duro “não emerge na verdade totalmente armado, tal como Atena da cabeça de Zeus” (Lakatos, 1978, p. 5-6 *apud* Burawoy, 1990, p. 779). O mesmo pode ser dito

dos modelos e exemplos de heurística positiva [i.e. das extensões do cinturão teórico através da criatividade conceitual] (Burawoy, 1990, p. 779).

A trajetória teórica de Marx e Engels oferece uma bela expressão do caráter diacrônico do processo de constituição do núcleo duro. Se desenvolvendo lentamente a partir da tese de Marx sobre o materialismo de Demócrito e Epicuro, e passando pela *Ideologia alemã* e as *Teses sobre Feuerbach* (Marx; Engels, 1972), a formulação progressiva do núcleo duro dá finalmente origem a uma expressão mais completa que pode ser encontrada, seguindo Burawoy, no *Prefácio da contribuição à crítica da Economia Política* (Marx; Engels, 1972) de 1859. O sociólogo britânico listará sete propostas que ele considera serem os elementos-chave do núcleo duro do programa de pesquisa marxista:

(P1) Homens e mulheres fazem a história produzindo eles mesmos seus próprios meios de subsistência;

(P2) As bases econômicas do modo de produção definem os limites de variação da superestrutura;

(P3) Um modo de produção se desenvolve através da interação entre as forças produtivas (a forma como os meios de existência são produzidos) e as relações de produção (a forma como o produto do trabalho é apropriado e redistribuído);

(P4) A luta de classes é a força motriz por trás da transição de um modo de produção para outro;

(P5) Uma transição bem-sucedida só pode ocorrer quando as condições materiais estão presentes;

(P6) A história é progressiva na medida em que acompanha a expansão das forças produtivas;

(P7) O comunismo exige o fim dos antagonismos sociais e o início da emancipação individual. A história não é mais feita nas nossas costas, mas de forma consciente e coletiva. (Burawoy, 1990, p. 779)

Embora esta sistematização possa ser criticada por seu lado rígido e a forma que limita o entendimento da práxis humana – que, além da produção dos meios de subsistência, também luta, cria, ama etc. – pode ser considerada como base que será progressivamente enriquecida por outras contribuições. O núcleo duro – ele mesmo constituído num exercício de síntese entre filosofia clássica alemã, socialismo francês e economia política inglesa – se verá assim progressivamente ampliado numa dinâmica de heurística positiva, tal como em *O capital* (Marx, 1969), no *18 Brumário* (Marx, 2007b) e nas *Lutas de classe na França* (Marx, 2007a). Estes textos posteriores tocam de fato, ou uma realidade nova – a questão do funcionamento concreto do modo de produção capitalista, no caso de *O capital* – ou uma anomalia – a vitória de um regime de tipo Bonapartista após mobilizações da escala da Primavera dos Povos de 1848 – e constituem cada um contribuições para a expansão do cinturão teórico, tanto defendendo o núcleo do programa de pesquisa, quanto assegurando a expansão de seu alcance empírico através da resolução e integração de contradições e casos novos.

A análise do processo diacrônico de constituição do núcleo duro leva então Burawoy a lançar uma luz nova sobre a aparente cisão entre textos da juventude e da maturidade de Marx:

Eu me afasto assim tanto do marxismo clássico e do estruturalismo francês que reduzem a verdade em Marx a seus escritos científicos maduros quanto da teoria crítica que encontra o verdadeiro Marx em seus manuscritos hegelianos de juventude (Burawoy, 1990, p. 780-781).

Esta posição coincide em parte com o que já foi defendido pelo historiador E. P. Thompson. Posicionando-se de certa forma em contraste com a tese da “ruptura epistemológica” esboçada por Althusser, o marxista britânico defende, por sua vez, uma concepção da tradição marxista “aberta às pesquisas empíricas, às novas contribuições conceituais, aberta às críticas, correções e reelaborações” (Blin; Burlaud; Douet; Feron, 2015, p. 15). Esse último oferece assim uma leitura particularmente estimulante da evolução do foco teórico do trabalho de Marx e Engels, como relatam os tradutores da recente, embora muito tardia, publicação francófona da *Miséria da teoria* (Thompson, 2015):

O momento crucial veio nos anos 1845-1848, quando Marx e Engels elaboraram sua concepção materialista da história – com a ambição de produzir uma crítica geral de todas as dimensões da realidade social. A partir do exílio de Marx na Inglaterra, este projeto global foi gradualmente reduzido a uma “crítica da economia política”. Para Thompson, Marx teria então caído na “armadilha” da economia política burguesa, que ele queria contudo desafiar: ele só teria conseguido contrapor a estrutura da economia política com uma “contra-estrutura” que absorvesse alguns de seus principais pressupostos. E foi somente a partir da década de 1860 que Marx se teria distanciado gradualmente desta “contra-estrutura”. Vários fatores – a influência de Darwin, a experiência da Comuna de Paris, novas leituras em etnologia... – o teriam levado a modificar sua concepção de processos sociais e lhe teriam restituído o sentido de invenção histórica (Blin; Burlaud; Douet; Feron, 2015, p. 16-17).

Thompson aborda assim o marxismo como uma proposta teórica desdobrando-se diacronicamente ao longo da vida intelectual e política de Marx e Engels. Embora ele nunca o abordasse como um programa de pesquisa, tal postura possibilita uma valorização da história interna do marxismo, muito útil para compreender as continuidades e descontinuidades do que Thompson preferiu chamar de “materialismo dialético em vez de marxismo, para deixar claro que o que lhe importava era mais a continuação de um projeto intelectual que a fidelidade religiosa a um nome próprio” (Blin; Burlaud; Douet; Feron, 2015, p. 16).

Assim, comparando as diversas formas de interpretação da própria constituição deste programa de pesquisa, é possível perceber que a leitura sociológica defendida por Burawoy, os defensores da ruptura althusseriana ou os herdeiros da teoria crítica, se constituem cada um a seu modo como correntes distintas que, embora afirmem todos pertencer à mesma tradição teórica, propõem de fato leituras diferentes de seu núcleo duro.

2.2. Surgimento de ramos distintos dentro do mesmo programa

O núcleo duro de um programa de pesquisa não apenas se desenvolve com o tempo, mas muitas vezes é mais bem entendido como uma *família* de núcleos que se sobrepõem e muitas vezes competem entre si, dando origem a diferentes *ramos dentro de um mesmo programa de pesquisa*. Cada ramo reconstrói o núcleo de uma maneira diferente. Nesta concepção, teorias sucessivas se desenvolvem como cinturões [de teorias] dentro de ramos. O retrato [do marxismo] de Lakatos, por outro lado, era baseado num núcleo duro inequívoco e, portanto, não considerava a coexistência de ramos divergentes, mas, no entanto, interligados (Burawoy, 1990, p. 779).

O desenvolvimento de um programa de pesquisa não pode, então, ser abordado como um processo unidirecional isento de tensões internas. A evolução diacrônica e o confronto com novas anomalias levam a reinterpretções muitas vezes divergentes do núcleo duro, mesmo que cada uma continue a se reivindicar da mesma tradição. A metáfora do crescimento de ramos distintos dentro de um mesmo programa de pesquisa ilustra, assim, a dinâmica de surgimento de correntes frequentemente concorrentes, tal como no caso mencionado anteriormente.

Outra expressão da existência de distintas reconstruções do núcleo duro dentro do programa de pesquisa marxista pode também ser encontrada no destino do conceito de ideologia, que ocupa uma posição central em inúmeras pesquisas tanto clássicas quanto contemporâneas. Como aponta Jan Rehmann (2014), com base nos mesmos trabalhos de Marx e Engels, três interpretações diferentes deste conceito surgiram gradualmente, dando lugar a interpretações muito diferentes do legado marxista: uma compreensão da ideologia como reificação, uma leitura mais neutra do conceito de ideologia e uma abordagem centrada em “aparelhos” ideológicos.

Cada uma dessas leituras é assim perfeitamente legítima com base nos elementos que formam o núcleo duro do programa de pesquisa materialista dialético. Mas, apoiando-se mais em um ou outro aspecto, mobilizando elementos distintos do cinturão de teorias progressivamente desenvolvidas no trabalho dos próprios Marx e Engels, eles se constituíram, no entanto, gradualmente em correntes distintas. Este surgimento de ramos divergentes que coexistem dentro da mesma tradição também abre esta tradição a potenciais sobreposições e recombinações.

Contudo, o reconhecimento da existência de ramos divergentes não implica de imediato uma espécie de relativismo, segundo o qual todas as interpretações do núcleo duro são iguais, algumas sendo, de fato, mais ricas do que outras em termos de compreensão da realidade e de poder preditivo.

2.3. O caráter progressivo ou regressivo de ramos distintos

Embora possa ser difícil comparar um programa de pesquisa com outro, dentro de um mesmo programa de pesquisa talvez consigamos identificar ramos degenerados e progressivos. Podemos também nos perguntar por que alguns ramos se mostram mais progressivos que outros (Burawoy, 1990, p. 779).

Burawoy destaca aqui dois elementos fundamentais a serem considerados na discussão relativa à validade científica das teorias sociológicas.

Por um lado, há uma grande dificuldade para comparar um programa de pesquisa com outro, uma vez que esta abordagem leva muito rapidamente ao

questionamento do próprio núcleo duro, justificando, de fato, a escolha de um programa de pesquisa concorrente. Uma experiência mental envolvendo uma discussão entre sociólogos pragmáticos, de um lado, e seguidores de Bourdieu, de outro, constituiria assim um excelente exemplo. Logo, o conceito de *habitus* ou a análise em termos de campos sociais seriam de fato questionados por serem inflexíveis e excessivamente deterministas. Isto significaria que os próprios princípios de um dos programas de pesquisa seriam atacados em nome dos princípios do programa oposto.

Porém, não seria tanto a polêmica com uma tradição oposta, mas com os fatos empíricos, o confronto com o acúmulo de anomalias não resolvidas, que provavelmente seriam os mais propícios para questionar um programa, abrindo sobre seu enriquecimento. A avaliação da fecundidade teórica de tal ou qual programa de pesquisa requer então a análise da amplitude das anomalias ou casos novos que foram sucessivamente integrados no decorrer do crescimento diacrônico do programa, como também da criatividade e da originalidade na forma de proceder a esta extensão, balanceando heurística negativa e heurística positiva.

Por outro lado, se torna também necessário realizar o mesmo tipo de avaliações entre as diferentes correntes ou ramos de um mesmo programa, avaliando a maneira com a qual foram enfrentadas anomalias e casos contrários. Pois foi precisamente sua concepção unívoca e monolítica do marxismo que impediu Lakatos de destacar uma corrente específica como alvo de suas críticas, e não o conjunto da tradição teórica – composta por uma grande variedade de ramos que se desenvolveram historicamente de forma divergentes e às vezes profundamente antagônicas.

Contudo, quando o custo da reconstrução teórica se mostra demasiado caro em heurística negativa, no sentido de uma reformulação do núcleo duro e, portanto, de um novo ramo – ou mesmo de um novo programa de pesquisa – se mostrando mais aberto à heurística positiva, é preciso ter a coragem de se reorientar.

2.4. Mudanças históricas e origem das "anomalias"

Dentro das ciências sociais, as anomalias são geradas tanto externamente quanto internamente. As mudanças históricas fornecem uma fonte crescente de novas anomalias que exigem a construção de novos cinturões teóricos dentro dos ramos e, ocasionalmente, até mesmo novos ramos do programa de pesquisa (Burawoy, 1990, p. 779).

Em sua tentativa de translação da epistemologia de Lakatos para as ciências sociais, Burawoy enfatiza esta característica fundamental das humanidades: o material de pesquisa da sociologia é profundamente marcado pelas mudanças históricas. O surgimento de conjunturas novas no palco da história implicou muitas vezes o aparecimento de anomalias adicionais para a cadeia de teorias, criando assim novos enigmas, ou quebra-cabeças, a serem resolvidos.

Como a tradição marxista está especificamente preocupada com as transformações sociais revolucionárias, ela está, portanto, particularmente preocupada com este imprevisto aparecimento de anomalias externas. O caso mais famoso e significativo é, naturalmente, a própria Revolução Russa de 1917. Eclodindo em um país significativamente aquém de outras nações europeias continentais em termos de desenvolvimento capitalista, parecia estar em profunda contradição com as estimativas de Marx, levando Gramsci a se referir a ele como uma “revolução contra o

capital” (Gramsci, 1974, p. 135) em um artigo agora famoso publicado em *L'ordine nuovo*.

Uma das mais notáveis tentativas de resolver esta anomalia, como aponta Burawoy, foi feita pelo líder bolchevique nascido na atual Ucrânia, Leon Trotsky. Desde 1906 e *Balanço e perspectiva* (Trotsky, 1969), este último já tinha de fato esboçado uma teoria do desenvolvimento desigual e combinado do sistema capitalista mundial permitindo analisar como “o desenvolvimento desigual levou à combinação das formas de produção mais avançadas e mais atrasadas, criando assim nos países de ‘segunda linha’ uma burguesia fraca e uma classe trabalhadora explosiva” (Burawoy, 1990, p. 784). Portanto, os elos mais fracos do sistema econômico global são aqueles cujas revoluções, aparentemente impossíveis em tempos de paz social, são mais suscetíveis de se tornarem inevitáveis.

Mas o processo revolucionário russo também apresenta uma segunda anomalia em relação ao que a social-democracia alemã, então corrente hegemônica, havia consolidado como o cânone do marxismo: a transição extremamente rápida da Revolução de fevereiro de 1917 – uma revolução democrática que pôs fim ao regime czarista – para a Revolução de outubro do mesmo ano – uma revolução social que levou à coletivização quase generalizada dos meios de produção. Ao contrário da opinião amplamente defendida na época de que o socialismo só poderia ser considerado após um período de consolidação da democracia burguesa, esta contradição exigiu mais uma vez a criatividade conceitual, e tomou a forma da chamada teoria da revolução permanente. Em contraste com o Plekhanov, Trotsky argumentou assim que foi precisamente o atraso da Rússia que tornou sua classe trabalhadora “a única classe que conseguiria realizar uma revolução burguesa na Rússia [...] e, em virtude desse fato, a revolução burguesa teve de proceder ininterruptamente em direção a uma revolução socialista, que só poderia ser bem sucedida se também desencadeasse uma revolução no Ocidente” (Burawoy, 1990, p. 783) – caso contrário, “a revolução russa seria abortada e se voltaria contra si mesma” (Burawoy, 1990, p. 784).

Assim, ao tentar responder à anomalia constituída pelo processo revolucionário do qual ele era então protagonista, Trotsky desencadeou uma heurística positiva, criando um novo cinturão de teoria, que gradualmente se consolidou como um novo ramo do programa de pesquisa marxista. Sua contribuição para uma teoria da revolução social – focando sobre a idiosincrasia da revolução russa a fim de contribuir, de forma reflexiva, para extensão do programa de pesquisa marxista (Burawoy, 2014a) – se destaca assim da abordagem intrinsecamente positivista de Theda Skocpol (1979). Procurando o menor denominador comum entre processos revolucionários distintos (França 1789, China 1949, Rússia 1917 etc.) num esforço indutivo de construir uma teoria geral e abstrata da revolução social, a autora ignora desta forma as características individuais e concretas de cada uma delas, impedindo-se assim precisamente de transformar estas “anomalias” em potenciais fontes de enriquecimento da teoria.

A avaliação do caráter progressista ou não de um ramo de um programa de pesquisa – de sua contribuição para a ampliação da capacidade analítica, e até prospectiva, de um programa de pesquisa – não pode, portanto, limitar-se a uma discussão interna, à relação entre o núcleo e seus cinturões teóricos. Ela exige um

confronto permanente da teoria com a realidade, procurando uma caracterização de sua relevância heurística ao longo da história. E no caso do materialismo dialético, esta necessidade é acentuada precisamente pelo fato que pretende ser também uma teoria de transformação social.

2.5. Enfrentar as “anomalias” como condição para mudar a sociedade

Na medida em que o marxismo se preocupa em mudar o mundo que estuda e não simplesmente refleti-lo passivamente, ele deve estar particularmente preocupado em resolver anomalias e fazer previsões (Burawoy, 1990, p. 779).

Com esta referência, parafraseando diretamente a décima-primeira tese sobre Feuerbach, Burawoy pretende concluir sua transposição do modelo de Lakatos enfatizando sua importância para uma leitura do marxismo como um programa de pesquisa. Como uma tradição teórica que visa a transformação revolucionária da sociedade, ela não tem o luxo de ignorar o acúmulo de anomalias, fechando-se numa heurística negativa, pois suas consequências seriam potencialmente funestas para os movimentos históricos para os quais o marxismo pretende oferecer uma direção.

O imperativo categórico de unidade entre a teoria e a prática faz assim do marxismo uma tradição singular no âmbito das ciências sociais. Pois a responsabilidade que hoje continua a pesar sobre os ombros dos pesquisadores marxistas não é apenas a da honestidade intelectual e da probidade moral – a fim de passar por comitês de ética ou de revisão pelos pares e de assegurar uma posição na comunidade acadêmica – mas também a de poder participar de uma atualização da teoria a fim de torná-la capaz de contribuir para a derrubada do capitalismo e para a construção de uma sociedade livre da exploração e da opressão.

Esta tensão implica uma pressão particular sobre a produção teórica. Esta última pode assim levar à criação de conceitos *ad hoc*, forçando a teoria a integrar, apesar de si mesma, ‘fatos teimosos’ que não se adequam a uma ou outra linha política – reforçando uma caricatura do marxismo frequentemente esboçada, como uma tradição teórica altamente subordinada à política partidária. Mas também constitui uma garantia particularmente valiosa de validade epistemológica, pois o confronto permanente com a realidade permite uma avaliação muito mais rápida e eficiente da relevância das novas elaborações, o que muitas vezes se torna mais difícil para programas de pesquisa menos ligados organicamente aos movimentos sociais e políticos e, portanto, menos diretamente confrontados com as convulsões da sociedade capitalista.

As contribuições de Gramsci representam um excelente exemplo disto: sua perseverança na procura de uma saída revolucionária na Itália levou-o, de fato, a buscar entender as razões do fracasso das tentativas de extensão da onda revolucionária russa para a Europa Ocidental. Neste movimento, ele realizou uma releitura particularmente original do núcleo duro do programa de pesquisa marxista, contribuindo para o desenvolvimento de novos cinturões de teorias que se tornaram canônicas para a teoria política do século XX: ideologia, senso comum e bom senso, sociedade civil e sociedade política, hegemonia e estado integral, guerra de movimento e guerra de posição, príncipe moderno e revolução passiva etc. O eco que o pensamento gramsciano ganhou posteriormente, muito além de sua esfera nacional

e linguística de origem, culminou então na sua consolidação como um novo ramo do programa de pesquisa, colocando-o “na categoria de clássicos [...] em disciplinas de introdução às humanidades ensinadas em todo o mundo (exceto na França)” (Keucheyan, 2011, p. 10).

Assim, combinando tanto a heurística negativa – defesa dos princípios centrais, principalmente em sua brilhante polêmica com Benedetto Croce – quanto a heurística positiva – criatividade conceitual ampliando o domínio concreto da teoria marxista sobre as sociedades liberais burguesas da Europa Ocidental, incorporando ao mesmo tempo as lições das tentativas revolucionárias fracassadas na Alemanha e na Itália – a obra do autor dos *Cadernos do cárcere* é provavelmente uma das melhores expressões da maneira com a qual o programa de pesquisa marxista pode ser desdobrado de uma forma progressista, aproveitando o surgimento de anomalias externas e procurando resolutamente contribuir para a transformação do mundo.

Conclusão

Propondo uma translação das contribuições epistemológicas de Lakatos para as ciências humanas e sociais, a principal contribuição de Burawoy reside assim na forma como possibilita que o marxismo seja abordado como um programa de pesquisa, destacando como ele se desdobra no tempo e no espaço, resolvendo anomalias através do encontro de novos acontecimentos históricos, dando assim vigor a novos ramos, uns mais progressistas que outros.

Contribuir hoje com o prolongamento deste processo de atualização e expansão contínuo requer, portanto, imaginar as formas que permitirão estimular a vitalidade do marxismo, como cadeia historicamente constituída de teorias, confrontando-o com realidades sociais concretas com as quais a teoria não está ainda totalmente vibrando em sintonia.

Estender o domínio empírico da tradição marxista implica assim não apenas que haja imaginação sociológica – para estimular, em contato com a realidade, o surgimento de novos conceitos, ou alguma forma de recombinação entre eles – mas também uma metodologia capaz de articular esse diálogo entre campo e teoria, de engajar os dados de modo a mobilizar essas novidades ou anomalias na constituição de novos quebra-cabeças de pesquisa.

Como disciplinas que continuamente mergulham as suas mãos na lama da vida social, a sociologia e a antropologia estão, portanto, numa posição particularmente favorável para enfrentar esta tarefa – o objetivo da pesquisa em ciências sociais sendo precisamente, na perspectiva de Burawoy, de contribuir para a expansão da teoria, e não simplesmente de responder a uma questão de pesquisa enunciando hipóteses.

E neste espírito que o sociólogo de Berkeley consolidou progressivamente o *estudo de caso ampliado* (Burawoy, 1998) com proposta metodológica visando a atualização progressiva da teoria através da pesquisa social, se baseando tanto na herança da Escola de Antropologia Social de Manchester (Burawoy, 1991), quanto num diálogo crítico com a sociologia da Escola de Chicago (Burawoy, 2000) – influenciando pesquisadores de sensibilidade marxista, dos Estados Unidos (Tuğal, 2009; Sallaz, 2019; Levenson, 2022) ao Brasil (Braga, 2012), passando pela Europa (Ó Riain, 2010).

Partindo de um acúmulo teórico preexistente e buscando confrontá-lo a realidades empíricas novas, o estudo de caso ampliado se caracteriza assim por quatro grandes movimentos de extensão no processo de pesquisa: (1) a passagem de observador a participante através da intervenção na realidade estudada; (2) a reconstrução dos processos sociais via a extensão do estudo através do espaço e do tempo; (3) a conexão com as macro forças sociais atravessando o campo de pesquisa, focando na maneira como contribuem para moldar as realidades locais; e (4) a reconstrução da teoria, integrando o caso novo na cadeia teórica preexistente.

O estudo de caso ampliado – embora mobilizável no marco de diversos programas de pesquisa em ciências sociais – se destaca assim pela sua grande afinidade eletiva com o marxismo e sua perspectiva de totalidade, conectando realidade micro com as mais globais tendências do capitalismo contemporâneo.¹ Fonte de uma continuidade orgânica entre epistemologia, metodologia, teoria e política, a coerência da via proposta por Burawoy convida então as ciências sociais a contribuir de forma progressista à expansão e atualização do programa de pesquisa marxista, tendo a “coragem das nossas convicções, depois a coragem para desafiar nossas convicções e, finalmente, a imaginação para manter nossa coragem na reconstrução teórica” (Burawoy, 2014b, p. 77).

¹ Esta proximidade trouxe assim os editores da tradução brasileira de *Extended case method: four decades, four countries, four great transformations and one theoretical tradition* (Burawoy, 2009) a publicar o livro no simples título: *Marxismo sociológico* (Burawoy, 2014b).

Referências

- ANTOINE, Sébastien. “Volóchinov: para uma análise sociológica da ideologia”, *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 27, n. 1, 2022.
- BLIN, Alexia; BURLAUD, Antony; DOUET, Yohann; FERON, Alexandre. “Préface des traducteurs”. In: THOMPSON, Edward P. (Org.). *La misère de la théorie*. Contre Althusser et le marxisme anti-humaniste. Paris: L’échappée, 2015.
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BURAWOY, Michael. “Dois métodos à procura da revolução: Trotsky vs. Skocpol”. In: BURAWOY, Michael. *Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica*. São Paulo: Alameda, 2014a.
- BURAWOY, Michael. *Marxismo sociológico*. São Paulo: Alameda, 2014b.
- BURAWOY, Michael. *The extended case method: four countries, four decades, four great transformations, and one theoretical tradition*. Berkeley: University of California Press, 2009.
- BURAWOY, Michael. “Reaching for the global”. In: BURAWOY, Michael; BLUM, Joseph A.; GEORGE, Sheba; GILLE, Zsuzsa; GOWAN, Teresa; HANEY, Lynne; KLAWITER, Maren; LOPEZ, Steven H.; Ó RIAIN, Seán; THAYER, Millie. *Global ethnography: forces, connections and imaginations in a postmodern World*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- BURAWOY, Michael. “The extended case method”, *Sociological Theory*, v. 16, n. 1, 1998, pp. 4-33.
- BURAWOY, Michael. “Participant observation”. In: “Sociology 272E” Syllabus. University of California: Berkeley, 1994.
- BURAWOY, Michael. “The extended case method”. In: BURAWOY, Michael; BURTON, Alice; FERGUSON, Ann A.; FOX, Kahtryn J.; GAMSON, Joshua; GARTRELL, Nadine; HURST, Leslie; KURZMAN, Charles; SALZINGER, Leslie; SCHIFFMAN, Josepha; UI, Shiori. *Ethnography unbound: power and resistance in the modern metropolis*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- BURAWOY, Michael. “Marxism as science: historical challenge and theoretical growth”, *American Sociological Review*, v. 55, n. 6, 1990, pp. 775-793.
- BURAWOY, Michael. “Two methods in search of science: Skocpol versus Trotsky”, *Theory and Society*, v. 18, n. 6, 1989, pp. 759-805.
- GRAMSCI, Antonio. *Écrits politiques - Vol. 1: 1914-1920*. Paris: Gallimard, 1974.
- KEUCHEYAN, Razmig. “Vies de Gramsci”. In: GRAMSCI, Antonio. *Guerre de mouvement et guerre de position*. Paris: La fabrique, 2011.
- LAKATOS, Imre. “Falsification and the methodology of scientific research programmes”. In: KOURANY, Janet A. (Org.). *Scientific knowledge: basic issues in the philosophy of science*. Belmont: Wadsworth Pub. Co., 1987.
- LAKATOS, Imre. “O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica”. In: LAKATOS, Imre e MUSGRAVE, Alan (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Editora Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

- LAKATOS, Imre. *The methodology of scientific research programmes*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 1978.
- LEVENSON, Zachary. *Delivery as dispossession: land occupation and eviction in the postapartheid city*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- MARX, Karl. *La guerre civile en France*. Paris: Fayard / Mille et une nuits, 2007a.
- MARX, Karl. *Le dix-huit brumaire de Louis Bonaparte*. Paris: Flammarion, 2007b.
- MARX, Karl. *Le capital - Livre 1*. Paris: Flammarion, 1969.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *L'idéologie allemande (Première partie) - Thèses sur Feuerbach - Préface à la critique de l'économie politique*. Paris: Éditions sociales, 1972.
- MILL, John Stuart. *A system of logic, ratiocinative and inductive: being a connected view of the principles of evidence, and the methods of scientific investigation*. New York e London: Harper & Brothers, 1900.
- Ó RIAIN, Seán. "Extending the ethnographic case study". In: BYRNE, David e RAGIN, Charles (Org.). *The SAGE handbook of case-base methods*. London: Sage, 2010.
- POPPER, Karl. *La logique de la découverte scientifique*. Paris: Payot, 1973.
- REHMANN, Jan. *Theories of ideology: the Powers of Alienation and Subjection*. Chicago: Haymarket Books, 2014.
- SALLAZ, Jeffrey. *Lives on the line: how Philippines became the World's call center capital*. New York: Oxford University Press, 2019.
- SKOCPOL, Theda. *States and social revolutions: a comparative analysis of France, Russia, and China*. New York: Cambridge University Press, 1979.
- THOMPSON, Edward P. *La misère de la théorie*. Contre Althusser et le marxisme anti-humaniste. Paris: L'échappée, 2015.
- TROTSKY, Léon. *1905, suivi de Bilan et perspectives*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.
- TROTSKY, Léon. *A história da Revolução Russa*. Brasília: Senado Federal, 2017.
- TUĞAL, Cihan. *Passive revolution: absorbing the Islamic challenge to capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2009.
- VYGOTSKI, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em 11 de setembro de 2022
Aprovado em 28 de novembro de 2022